

LOUVAÇÃO & PREITO

Caros Amigos e Amigas,

-- Que ousar falar, ou preferir calar, em ocasião singular como esta?

Inventar *aula de sapiência* oportunística talvez tomando como tema a economia e os ecônomos seria a todos os títulos temerário e ao mesmo tempo intempestivo.

Melhor, também, não saturar a distinta audiência com as muitas estórias de mérito e de procedimentos, embutidas na longa história da luta pela boa formação e qualificação do economista, e seus resultados. Têm sido revelados exaustivamente.

E é ainda o assunto central deste Congresso. Vai sendo, então, cuidadosamente esmiuçado, no bojo de painéis e palestras e demais ocorrências correntes, densamente povoadas por honoráveis competências. Por outro lado a longa e conturbada pugna pela qualidade não se restringe às escaramuças vinculadas à vigência da nova LDB (dez, 1996). Na verdade, começou há um quarto de século com as duas comissões de estudos que se sucederam na preparação da proposta afinal enviada pelo DAU/MEC ao então CFE. Amplamente debatida, resultou ela no Par. 375/84 e na Res. 11/84, atos até agora vigentes e *voilà*, viçosos. Transplantados no essencial, por isso, se bem que a muito custo, para a nova Resolução – e com grave fissura. Saga a reconstituir.

Não o farei aqui. De todo modo, seja-me permitido sublinhar a vibrante etapa de implementação do Currículo Mínimo de 84 sob a égide da Anpec e do sistema Cofecon/Corecons. Dessa coletiva, preciosa e inesquecível agitação intelectual, em escala nacional, que rememoro e reverencio na figura do saudoso Prof. Pedro Mansur resultou, inclusive, a própria criação desta benemérita Associação, já vintona.

Invertendo o adágio, à bonança sucedeu-se a tempestade -- a pororoca de ajuste ao novo enquadramento legal. Envolveram-se nela as sucessivas diligentes Comissões de Especialistas e os diretórios das entidades máximas da categoria, as de amplo espectro -- Ange, Anpec, Cofecon, Fenecon -- e colaboradores permanentes ou *ad hoc*. Entre os últimos, situo-me eu. Cruenta arena em que jamais me esquivei a convocações espinhosas ou refuguei provocações eivadas de perigo. Nesse fadário, o meu particular fado foi o de ter sido, a contragosto, o mais turrão dos atores. Outros, sábios, foram maneiros. Alguns, escolados, matreiros. Um caleidoscópio exemplar.

Desse modo, espraiados no tempo e no espaço, são multidão os reais credores do laurel ora outorgado. Impossível recenseá-los. Ainda assim, e até por isso, não me é permitida outra atitude, e é prazeroso assumi-la, senão repartir os encômios, o tributo prestado, com todos os combatentes do bom combate aqui presentes ou ausentes, vivos ou mortos, idosos atuais e idosos potenciais -- com justiça, e por igual, e sem canonizações afoitas e fátuas. Assim o faço, por ser de elementar justiça.

Isso posto, seja-me permitido expressar o meu reconhecimento pessoal mais íntimo e profundo pelo quinhão que me cabe nesse latifúndio moral, com evocação que pode soar destoante. Mas aparências enganam. Atenção, pois, às sutilezas.

Há exatamente mês e meio encontrava-me eu num lugarejo escamoteado dos mapas, chamado Vale de Maceira, na Freguesia de Aldeia das Dez, no Concelho de Oliveira do Hospital, no Distrito de Coimbra, em Portugal. Fora até lá movido por fator sentimental relacionado com a inauguração de uma rua -- ou melhor, com a aposição do nome de um filho do lugar, de há muito desaparecido, numa ruela

íngreme feita tão só de ladeiras e escadarias a grimpar a encosta da Serra do Açor, e que conduz precisamente àquela que era a despojada casa do homenageado antes de instaurar a rota Vale de Maceira --Ver-o-peso. E ainda depois, nas merecidas férias.

Algo para mim prenhe de simbolismo, visto que bem conheci o agraciado e o porquê da agraciação. Havia sido iniciativa dele e do irmão, igualmente agraciado em solenidade casada, tirar a terra natal do insulamento milenar. Como? Fazendo construir a rodovia que a ligaria à sede da Freguesia e ao resto do país. Fora imigrante jovem no Brasil aos 18 anos, semianalfabeto sonhando aforrar o suficiente para retornar e fazer-se doutor na vetusta Coimbra. Na verdade, trabalhou pesado por décadas, em Belém, como obscuro comerciante. Primeiro, no ramo dos “secos e molhados”, e depois em algo precioso neste país tropical abençoado por Deus e maltratado pelos homens: o gelo, comerciado a grosso e a retalho, tanto no abastecimento dos navios do Loide Brasileiro e da Booth Line, das canoas geleiras, dos aviões da Pan-American e da Panair do Brasil, como nos bares e restaurantes e mesas domésticas de exceção -- geladeiras eram, nesses idos, luxo proibido à imensa maioria.

Constituiu família e assegurou aos quatro filhos a educação que não tivera. Não enriqueceu -- não prestou culto à crematística... Dizia-se economicamente ‘remediado’. A sua contribuição à história econômica e do pensamento econômico, como a de muitos mais, resumiu-se a isso: o anonimato operoso do homem comum. Mas incomum.

Com efeito, de tão longe, escreveu do próprio punho, por anos, artigos para jornal da sua região, que, postados pelo correio marítimo, viajavam semanas desde “*O Cristal*” à “*Comarca de Arganil*” -- vejam bem, falo do final dos anos 30 do século passado. Desencadeou, junto com o irmão *in situ* campanha para arrecadar fundos e obrigar o Município, em autêntica parceria público-privado, a construir o pequeno ‘troço’ de estrada que ligaria ao mundo exterior o seu assaz idealizado Vale de Maceira. Consciente das suas limitações intelectuais submetia os rascunhos ao menos infante dos filhos homens. Pré-adolescente, este já ostentava escolaridade formal superior à dele. E era investido, com óbvio risco, na função de vigilante do vernáculo. Assim educava os filhos, conduzindo-os por e para essas leiras da coisa pública.

Enfrentou óbices, claro. Não desistiu: persistiu, insistiu -- venceu pelo cansaço. A estrada se fez, está lá, já a percorri bastantes vezes. Fecho irônico: ele nunca chegou a palmilha-la, sequer a conheceu. Retido pela 2ª Guerra Mundial em Belém, morreu antes de concretizar o acalentado sonho de voltar ao torrão natal amado de modo tão extremado, onde queria ser inumado no cemitério que também ajudara a tornar real.

Fui testemunha ocular dessa edificante história particular e seu desfecho. Os beneficiários proclamaram, pois, há mês e meio, na Beira interior, disso dou testemunho, o mérito do benfeitor. Este nada reclamara para si em troca do bem feito, clamara sim em prol do bem comum -- um clamor gracioso. Tinha visão de futuro. Exerceu liderança efetiva. Plantou para outros colherem. Foi humilde e honrado.

Com arrimo em *nihil obstat* coletivo que requeiro por esta e melhor forma de direito e que por ser de justiça espero obter, dedico à sua memória tão alta honraria.

Chamava-se Antônio João Mendes.

Era meu Pai.

Brasília/Goiânia, 16 nov 2005
XX Congresso da ANGE -- no seu 20º aniversário
Armando Dias Mendes